

A DIFÍCIL ARTE DA ESCOLHA DE UMA PROFISSÃO*

JOÃO DE VASCONCELOS SOBRINHO
Prof. Titular do Dep. de Biologia da UFRPE. Coordenador Científico da Estação Ecológica de Tapacurá da UFRPE.

Professor Humberto Carneiro, Magnífico Reitor,
Professor Naldo Halliday Pires Ferreira, Excelentíssimo Vice-Reitor,
Senhores Prô-Reitores,
Dr. Idelfonso Lopes Filho, representante da Associação dos Agrônomos,
Senhores Diretores de Departamentos,
Senhores Professores,
Senhores Diretores e demais membros do Corpo Burocrático,
Meus companheiros, Agrônomos, Veterinários, Zootecnicistas, Engenheiros de Pesca, Biólogos, Engenheiros Florestais,
Meus queridos alunos universitários,

Bem poderia haver omitido estas referências às autoridades e demais pessoas presentes, substituindo-as com uma só frase: meus queridos e fraternais companheiros da nossa família universitária.

De fato, nenhuma outra Universidade forma como

*Aula de Sapiência de Abertura dos Cursos da Universidade Federal Rural de Pernambuco, pronunciada pelo Prof. João Vasconcelos Sobrinho, em 19 de março de 1978, seu cinquentenário de magistério superior.

esta nossa Universidade Rural, uma família no sentido integral da expressão, mercê de Deus nos haver dado um Reitor que ao final de sua gestão, podemos com segurança avaliar, em conjunto, toda a sua administração.

Agora que já quase nada cabe esperar, pedir exigir, do Reitor Humberto Carneiro, poderemos, livremente, expressar a imensa estima que por sua administração de todos nós merece.

Jamais se dirigiu o Reitor Humberto Carneiro a um professor, estudante ou funcionário, em tom alterado de voz; jamais recriminou a quem quer que fosse; jamais julgou ou codenou.

Preferiu admoestar, corrigir, chamar atenção, através do exemplo persistente da sua própria atuação como administrador, como professor, como funcionário.

Sua presença efetiva por toda parte, seu amor e dedicação até ao heroísmo a esta instituição que é de todos nós, foi um chamamento permanente ao cumprimento dos nossos deveres.

E quem melhor do que eu, Senhores, poderia fazer aqui diante de vós estas afirmativas assim tão categóricas? Eu que me criei quase nesta Universidade, cresci, vivi toda a minha idade madura e descambei para a velhice ao seu serviço, dentro dos seus muros, sofredor com os seus sofrimentos, regozijado com os seus triunfos?

Realmente não consigo, amigos meus, dissociar a minha personalidade da existência da Universidade Federal Rural de Pernambuco!

Sua história é a minha história. Minha história é a vossa história também: de cada professor, de cada funcionário, de cada aluno quase, cujas fisionomias se deparam diante de mim neste recinto, na medida do tempo em que cada um conviveu aqui comigo. Jamais podereis desligar-vos, ainda que subjetivamente, de Vasconcelos Sobrinho, nem eu tão pouco poderei desligar-me de nenhum de vós! É que os homens se marcam por vezes indelevelmente ao conviverem uns com os outros!

O meu desejo era citar um a um os nomes de vós

todos, como uma homenagem e um agradecimento; impossível, porém, por tão numerosos que sois.

Limitar-me-ei a olhar-vos, e nessa contemplação, recordar os contatos diuturnos e a convivência de tantas décadas.

Mas é esta uma Aula de Sapiência, e, pois, deveria dirigir-se, principalmente, a vós, meus jovens alunos.

Tenho tanto a dizer-vos, mas tão pouco é o tempo! Não sei por onde começar, tanto tumultuam-me os pensamentos, e as recordações, e as idéias em meu cérebro, aqui, diante de vós, ao perpassar em minha memória, todo um meio século de vida profissional.

Dirigir-me-ei, pois, a vós, meus caros alunos, e farei aquela indagação fundamental que vos ocupou o espírito até há pouco e, talvez, vos preocupe ainda: qual a profissão que devo escolher?

É certo que, a esta altura, já a escolhestes; porém estais seguros de que a escolha feita representa aquela profissão que para vós seria a profissão ajustada à vossa personalidade?

Com cinquenta anos de magistério nas quatro universidades do Recife, com um acervo de mais de 10.000 ex-alunos: agrônomos, biólogos, engenheiros, disponho, não há como negar, de um cabedal imenso de experiências. Pois, toda essa experiência, eu vos ofereço agora, meus alunos, e não apenas neste momento, neste salão, mas em toda parte e sempre. Aqui, em minha casa, onde estiver eu, onde necessitardes vós!

Porque a necessidade maior dos jovens, é hoje como sempre foi, uma necessidade de apoio e de orientação.

Mas já agora poderei dar-vos o conhecimento de um fato, transmitir-vos o fruto de uma experiência, e que se relaciona com a "Difícil Arte da Escolha de uma Profissão": qualquer que seja a profissão escolhida, se for exercida com amor, conduzirá ao sucesso. Amor revestido de idealismo, de dedicação!

Quando o profissional percebe que a sua profissão não se limita ao círculo estreito de um laboratório, de uma sala de aulas, de um escritório, de uma estação experi-

mental, mas estende-se através de uma coletividade sempre mais ampla até alcançar a humanidade inteira, como uma expressão de uma mesma Vida universal e única, então esse profissional é um homem realizado, seja agrônomo, veterinário, biólogo, zootecnista, engenheiro silvicultor, engenheiro de pesca, licenciado em ciências, economista doméstico, técnico agrícola; ou seja ele um funcionário burocrático, ou um servente, ou um trabalhador braçal.

Compreendeis então, meus alunos, que o profissional se realiza não quando ganha riquezas e sim quando põe sua profissão ao serviço do homem, isto é, da Humanidade!

A esta altura, já não podeis mudar a escolha, inscritos que vos encontrais após o concurso de habilitação bem sucedido. Aceitai a profissão escolhida e fazei-vos dignos dela, a começar de hoje, aqui e agora!

Poderia resumir esta Aula de Sapiência, neste único ensinamento que acabo de vos dar. Cinquenta anos de vida profissional estão resumidos nele!

Há cinquenta e dois anos, deparci-me ante esta mesma escolha, tomado das mesmas dúvidas, angustiado com as mesmas incertezas. Tornei-me Engenheiro Agrônomo, quando, em verdade, sonhara com a medicina. No entanto, com o decorrer dia a dia dos anos, o espírito profissional tomou-me de assalto, e hoje sinto-me agrônomo desde a pele que me recobre, até às válvulas do coração.

Hoje, não sei como poderia ser outra coisa que não agrônomo! Não sei como poderia encontrar motivação e encanto na existência, se não fosse o contacto diuturno com a terra, com o seu odor que evola dos sulcos do arado; se não fosse através do culto à floresta, e aos campos, e às águas, e aos animais silvestres!

Descobri, no decorrer das minhas atividades profissionais, que tudo é vida no universo: no solo, na água, no ar e não apenas no homem, nos animais, nas plantas! Vida universal e única, expressa em uma multiplicidade de seres que se necessitam e se complementam: tudo necessitando de tudo!

Foi assim que descobri a Ecologia; a ciência

que oferece ao homem do nosso tempo, uma nova ética: a ética da fraternidade universal de tudo o que existe; da rocha ao homem. A ética da reverência pela vida! Uma moral que transcende da moral cristã que manda aos homens amarem-se uns aos outros, pois transcende do homem e descobre a necessidade fundamental que todos os seres têm uns dos outros. Cada ser desempenhando sua tarefa, preenchendo seu nicho ecológico, todos eles insubstituíveis no equilíbrio do sistema: o Planeta Terra!

E através da Ecologia, realizei-me como profissional!

Meu nome é hoje divulgado pela grande imprensa em todo o País. Publiquei livros, monografias, escrevi artigos científicos e de divulgação nos melhores jornais e nas melhores revistas. Pronunciei mais de um milhar de conferências. No Congresso Nacional, em Assembléias Legislativas dos Estados, em Universidades, em organizações de classe, em clubes, em escolas primárias e jardins de infância, adaptando os conceitos aos diversos níveis de percepção dos auditórios.

Fui dirigente de instituições federais e estaduais. Fui diretor da nossa Escola de Agronomia por duas vezes e Vice-Reitor desta nossa Universidade.

Hoje, esta Universidade Federal Rural de Pernambuco, a minha Universidade Mater, homenageia-me concedendo-me proferir esta Aula de Sapiência que reabre os seus cursos neste ano de 1978, como lembrando aquele longínquo mês de março do ano de 1928, quando iniciei como monitor, minha vida de magistério!

Foi então o Abade Dom Pedro Roeser, dos monges Beneditinos, quem proferiu a Aula de Sapiência. Cinquenta anos!

Longe de envaidecer-me, porém, é com imenso desencanto que me acerco do final da minha profissão, pois em vez de uma plenitude de realizações, diviso, apenas, a multidão do que ficou por ser feito!

O que fiz, não devo tanto a mim mas a esta Universidade. Ela me fez o profissional que sou, e quando me refiro a esta Universidade, refiro-me não apenas à Instituição, mas a cada um de vós e aos que vieram antes de vós!

E que revendo o passado descubro que nada eu seria,

nem agrônomo, nem ecólogo, nem professor se, no longínquo ano de 1913, não houvesse havido um Dom Pedro Roeser, Abade do Mosteiro de São Bento, que teve a feliz idéia de criar as Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento!

Se não houvesse havido um monge beneditino chamado Dom Hildebrando Sheffer que, se deparando, casualmente, com a negativa do Diretor da Escola de Agronomia em receber-me como aluno, alegando falta de professorado para o Curso de Habilitação, apresentou-se no momento e disse: "por isto não que eu ensino"!

Se não houvesse havido um Dom Pedro Bandeira de Melo que me aceitou naquela antiga Escola de Agronomia de São Bento, durante anos, gratuitamente!

Se não houvesse havido um Mário Bezerra de Carvalho, primeiro como simples aluno, depois como colega, como amigo, como chefe que por tantos anos conseguiu segurar uma amizade tão difícil!

Se não houvesse havido o meu tio João Vasconcelos, que tornou possível a minha educação!

Se não houvessem havido os meus pais, José Francisco Correia de Vasconcelos e Rita Pinto de Albuquerque Vasconcelos!

Se não houvessem havido meus tios João Beltrão e Maria Tereza de Vasconcelos Beltrão, que me ofereceram sempre o abrigo do seu lar!

Se não houvesse havido o Reitor Humberto Carneiro que; concedendo-me um crédito imenso de confiança, criou as condições para implantação da Estação Ecológica do Tapacurã, primeira criada no Brasil, conferindo, assim, à nossa Universidade, a glória de haver sido a pioneira em uma realização concreta no campo da Ecologia!

Se não houvessem havido vós todos, meus colegas e companheiros, que no decurso destas cinco décadas, discordando vezes tantas e outras muitas vezes ajudando-me e apoiando-me, tornastes possível encontrar-me aqui a pronunciar esta Aula de Sapiência do ano de 1978,

Se não houvessem havido minha esposa, filhos, genro, nora e as minhas netinhas queridas!

Se não houvesse havido esse admirável corpo de funcionários da Reitoria, e essas mulheres heroínas do trabalho e em seus lares!

Se não houvesse havido um Almirante Belart, um Paulo Nogueira Neto, um José Cândido de Melo Carvalho, um Almirante Ibsen Câmara, um Ruschi, um Lutzenberger e tantos outros ecólogos eminentes e lutadores intemeratos, a constituiriam sempre para mim estímulo constante para maiores esforços!

E, pois, como disse antes, não me toma a alma quaisquer sentimentos de vaidade, e sim de imensa gratidão. E também um sentimento de remorso, de frustração, quando considero tudo o que não fiz, e assim, o pouco que consegui fazer, se amesquinha como um ponto solitário na vastidão imensa do não realizado:

Aí estão as florestas taladas e queimadas, chamando por uma voz potente para protegê-las!

Aí estão os animais das selvas, as aves dos céus, os peixes dos rios e mares, a vida silvestre toda, dizimadas as suas espécies uma a uma, patrimônio insubstituível que a Natureza levou milhões de anos para criar!

Aí estão as águas todas dos rios, poluídas a escorrerem inaproveitáveis, venenosas!

Aí estão os oceanos da imensa costa do Brasil, a clamarem contra o petróleo, contra os efluentes de milhares de indústrias que os transformam em cloacas da tecnologia!

Aí estão as cidades poluídas de ruídos enlouquecedores, de gases venenosos, de calores sufocantes!

Aí está inacabado, o Mestrado de Ecologia, quando o país clama por técnicos experimentados no manejo do meio ambiente e dos seus recursos naturais renováveis!

Aí está o imenso deserto que no coração do Brasil está a surgir, tanto mais perigosamente e insidioso quanto quase ninguém acredita nele por não terem olhos para ver. Porque supõem que deserto só existe quando recoberto de dunas movediças. O nosso deserto será um deserto de pedras, de rochas mães pedológicas e geológicas expostas, descalvadas, estêreis. As dunas só aparecem na última fase da desertifica-

ção e lá chegaremos! E teremos um dos maiores desertos do mundo, e provavelmente, mais de um deserto, somando uma área de mais de um milhão de quilômetros quadrados!

Tudo isto porque o homem que amanhã aqueles solos, os técnicos que planejam, os governos que administram, não se aperceberam que a imensa área semi-árida do Nordeste, possui um frágil equilíbrio ecológico facilmente desmoronável. E a lavoura itinerante, a criação extensiva, as queimadas, o manejo errado dos solos, a gestão mal conduzida da agropecuária, fizeram desmoronar esse equilíbrio e os núcleos de desertificação surgem já cada vez mais numerosos e mais amplos. E eu que creio neste deserto, que o vejo, que o acompanho por mais de 30 anos em sua evolução, nada, nada pude fazer para que outros cressem também! Para que o País se alertasse! Para que os homens se dispusessem a tomar as primeiras medidas para contê-lo!

E, pois fraternais amigos: professores, burocratas, alunos, nesta oportunidade quando estou quase a encerrar, forçado e relutante, minha atividade profissional sem haver conseguido os frutos que se me exigiram, ante a comprovação entre o que fiz que parecia tanto e tudo o que ficou por ser feito, somente me ocorre um apelo: perdoai, oh minha Universidade, haver recebido tanto e dado tão pouco!